

# 1

## O EXERCÍCIO DO DESCANSO:

### *Os Sábados*

*Levítico 23.1-3*

Alguns anos atrás, um amigo cristão, produtor cinematográfico, compartilhou comigo uma ideia que mudou o modo como assisto a filmes. De acordo com ele, a maior parte das boas histórias, aquelas com as quais o público se identifica, parece ter elementos semelhantes em seus enredos. Começa mostrando uma vida tranquila e feliz em que tudo corre bem. Logo em seguida, porém, ocorre o conflito. Pode ser uma mudança nas circunstâncias ou a chegada de um novo personagem. O resultado causa intensa perturbação e dissonância que mexem com as emoções. O mais importante, contudo, é o modo como o conflito é resolvido: por meio da redenção, normalmente à custa de um grande sacrifício pessoal que, aliás, constitui o cerne da trama. É esse sacrifício que leva o espectador a se identificar com a história.<sup>1</sup>

Desde então, uso essa ótica para assistir a filmes. Estou certo que as observações do meu amigo se aplicam aos seus filmes prediletos tanto quanto se aplicam aos meus. Sempre fui fã de J. R. Tolkien (minha esposa diria que sou *mais* do que fã) e, apesar de os filmes de Peter Jackson não fazerem jus aos livros de Tolkien, a trilogia do *Senhor dos Anéis* é uma obra extraordinária, grandiosa e de complexidade maravilhosa em sua trama, linguagem e caracterização. O que a torna tão espetacular é o fato de ser uma história de redenção à custa de um sacrifício caríssimo e é esse sacrifício que torna o final tão gratificante.

Claro que as histórias de redenção não constituem o único gênero predileto dos espectadores. Outro gênero bem diferente é a *tragédia*, uma forma de literatura, teatro ou filme tão antiga quanto os gregos. Nas tragédias, o foco central não é a redenção, mas a *desventura* de um mundo pecaminoso ou arruinado. O personagem principal de uma obra trágica normalmente tem um fim desastroso e a narrativa costuma expor os piores males da sociedade. Pouco tempo atrás, assisti a *Onde os Fracos Não Têm Vez*, filme dos irmãos Coen, baseado no romance de Cormac McCarthy. Mal os créditos iniciais aparecem e a tela se enche de violência repulsiva. A brutalidade dá o tom até

o final. Todas as pessoas boas morrem, enquanto o assassino vil sobrevive mais um dia para destruir outros inocentes. A vida de pessoas simples na região rural do oeste do Texas é retratada como uma sucessão de atividades sem nexos. Correm de um lado para o outro como formigas, esforçando-se para sobreviver e existir num universo controlado por um acaso cruel. O destino delas é determinado por esse acaso: cara ou coroa decidem se será vida ou morte. Não encontramos nenhum vestígio de redenção. Quando a tela escurece de modo repentino indicando o final, o espectador se vê inteiramente desprovido de esperança. No cinema onde assisti ao filme, a plateia toda permaneceu sentada por vários minutos depois do fim, em silêncio aturdido, recusando-se a crer que havia terminado daquela maneira.

Apesar de constituírem um gênero literário importante, as tragédias proporcionam uma *sensação* menos gratificante, pois contam uma verdade incompleta. Por certo, feiura e maldade estão por toda parte no mundo real e seu poder é horrendo. Ninguém está fora de seu alcance; os “mocinhos” sofrem tanto quanto os “bandidos”. Nossa alma anseia, contudo, por acreditar que a vida se estende além da tragédia.

Os temas de redenção proporcionam satisfação mais profunda não apenas porque preferimos nos sentir bem quando saímos do cinema, mas porque, como meu amigo sugeriu, filmes desse tipo refletem de modo mais completo a verdade da narrativa divina. A história de Deus não fica presa à tragédia; busca a redenção de modo incansável. O movimento da redenção não é apenas agradável; é normativo e molda a maneira como vemos a vida, pois é o movimento da vida.

### O ENREDO

Sentado no colo de minha mãe, decorei um versinho que se tornou um guia útil sempre que leio a Bíblia. Para explicar o enredo da redenção em seus desdobramentos ao longo das duas alianças das Escrituras, minha mãe ensinou que “O Novo, no Antigo é ocultado; o Antigo, no Novo é revelado”. Por trás desse ditado, encontra-se a convicção de que a Bíblia é uma única história e sua narrativa flui de modo a revelar um tema central maravilhoso que se estende pelas páginas da narrativa. O tema em questão é, obviamente, a vinda de Jesus Cristo.

O enredo da Bíblia é dramático e se desenrola em três atos: *Criação, Queda, Redenção*.<sup>2</sup> Os dois primeiros atos são bastante curtos e, na verdade, são apresentados em apenas algumas páginas de *Gênesis*, o primeiro livro da Bíblia. Nem por isso, contudo, são menos importantes. A compreensão correta da Criação e da Queda é fundamental para entender devidamente o restante da Bíblia, o ato divino de Redenção.

### **Criação**

De acordo com o capítulo inicial da Bíblia, “criou Deus os céus e a terra”. Não se trata de mera polêmica contra a evolução. Afinal, a proposta de Darwin está para lá de equivocada. A questão central das primeiras palavras da Bíblia não é *se* ou *quando* Deus criou os céus e a terra, mas *quem* ele é e *o que* o mundo é em relação a ele. Deus é o Criador, e a criação (“os céus e a terra”, juntos em unidade harmoniosa) é apresentada como seu domínio, o reino, sobre o qual ele governa de modo soberano.

Sob seu governo, a criação possui um caráter dinâmico: Deus conferiu a responsabilidade de exercer domínio ativo ao sol (o luzeiro maior), “para governar o dia” e à lua (o luzeiro menor), “para governar a noite”. Estabeleceu limites para o processo reprodutivo no reino vegetal e animal (“segundo as suas espécies”). Deus, o Rei maior, também conferiu a responsabilidade de exercer domínio ativo a Adão, o rei menor, e ordenou que sujeitasse a terra e governasse sobre todas as coisas (Gn 1.28).

Adão não recebeu permissão divina para fazer o que bem entendesse com a criação; devia exercer domínio *responsável*, sempre em sujeição a Deus, o Soberano (Gn 1.26-28). Sob seu cuidado, a criação devia louvar a Deus de novas maneiras. No tocante à sua *identidade*, Adão era portador da imagem de Deus; seu *trabalho*, portanto, também refletiria a imagem divina. Assim como Deus “fez separação” entre luz e trevas, atmosfera e superfície do planeta, terra e mar, o mandato cultural de Adão era para que ele e seus descendentes separassem, isto é, diferenciassem e fizessem crescer, a criação que Deus lhes havia confiado. Extrairiam minerais do solo e os estudariam e compreenderiam de modo a formar pigmentos que, um dia, seriam usados por Da Vinci para pintar a *Mona Lisa* (e por mim, para pintar minha garagem). O som do vento e da chuva nas diferentes estações, ao ser ouvido, captado e reproduzido por Antonio Vivaldi, resultaria na obra *As Quatro Estações* que, como as estações da natureza, também louva ao Senhor.

Quando Deus terminou a criação, ela era perfeita. Ao inspecionar seu reino, declarou em voz majestosa: “É muito bom!” e, no sétimo dia, *descansou* (Gn 2.2-3). O Criador não estava exausto; o sábado aparece pela primeira vez na narrativa bíblica para marcar a alegria de Deus, a celebração e prazer porque a criação era perfeita e desfrutava *shalom*.

### **Queda**

A alegria durou pouco. O pecado se infiltrou por meio de um rebelde que desafiou a autoridade do Rei da criação ao colocar sua palavra real em dúvida (“É assim que Deus disse...?”). Com eficácia terrível, o pecado corrompeu tudo o que Deus havia criado e desvirtuou tudo o que antes era

bom. Agora, portanto, “não é como deveria ser”.<sup>3</sup> Os teólogos chamam esse acontecimento de “Queda”, mas a palavra não faz justiça à devastação. Um casamento que começou com um “Uau!”, passou a ser envolto pela folha-mortalha grosseira da vergonha, enquanto a agradável caminhada de Deus com seu assistente no jardim ao cair da tarde se transformou num jogo de esconde-esconde marcado pela culpa. Numa sucessão rápida de pronunciamentos judiciais, Deus amaldiçoou Satanás, sentenciou Adão e, em seguida, sua esposa. A mulher, criada para descansar nos braços carinhosos do marido e se regozijar com o dom vivificador de dar à luz, gemeria de dores e se angustiaria sob seu governo. O homem, criado para ser feliz e produtivo em seu trabalho e repousar na doce fadiga característica do final de um longo dia de trabalho, provaria a amargura e a frustração da labuta. O prazer de Deus na criação multicolor que o levou a declará-la “muito boa” deu lugar a um deserto cinzento de desespero humano.

### ***Redenção***

Mas espere um pouco. Dos escombros de um mundo que se desintegrou, cintila uma claridade tênue, mais visível devido ao momento estranho em que surge. Deus não via a hora de redimir. Mal termina de declarar a maldição e profere a promessa de redenção, acendendo a chama da esperança antes mesmo de pronunciar a sentença. Ao contrastar a esperança com o horror gélido de um longo conflito, o Rei anuncia seu plano: esmagará Satanás e será vitorioso por meio do “descendente da mulher”.

Deus endireitará tudo o que o pecado desvirtuou. Restaurará o estado de *shalom* e dará *descanso* ao seu povo outra vez. Em decorrência do pecado, a criação se tornou irrequieta. Outrora encantado com sua criação “muito boa”, agora Deus não tem mais prazer no que ela *é*; ele e toda sua criação anseiam hoje pelo que *deve ser*, pelo que *será*.

A restauração da alegria e do descanso acarretará conflito. Em Gênesis 3.15, Deus prometeu “inimidade entre [Satanás] e a mulher”. O longo conflito seria benéfico para a raça humana: precisamos saber o preço do nosso pecado e aprender, pela fé, a ansiar pela redenção de Deus. Em nenhum momento, contudo, há dúvida acerca do resultado. Deus garantiu que triunfaria por meio do “descendente da mulher”. Sua promessa permitiria que a chama frágil da esperança tremeluzisse, apesar dos ventos de guerra num mundo que testemunharia fratricídio (Gn 4.8), ameaças terroristas (Gn 4.23-24) e anarquia étnica: “Era continuamente mau todo desígnio do seu [do homem] coração” (Gn 6.5).

### REPRESENTAÇÕES, TIPOS E SOMBRAS

Certa vez, quando meus filhos eram pequenos, passamos as férias perto do campo de batalha em Pea Ridge, um local no noroeste do Estado de Arkansas onde foram travados combates da Guerra Civil Norte-americana. O dia estava lindo e o local se encontrava bem preservado. Eu não estava preparado, contudo, para a frustração que senti a manhã inteira. Não fazíamos ideia do que estávamos vendo. O parque era imenso e, sem um mapa para mostrar os lugares mais importantes e o modo como a batalha se desenrolou, continuaríamos frustrados.

Na jornada rumo ao descanso de Deus, o povo também precisaria de ajuda. Ao lutar dia após dia contra a tensão da inimizade, perderia de vista o panorama mais amplo da fé. Ao longo dos séculos, houve ocasiões em que Deus interveio de modo direto com mão forte, porém terna, a fim de estimular a fé do seu povo: esmagou um inimigo poderoso aqui, abriu um túmulo selado ali. Mas ele também operou de maneiras mais sutis. Para dar forma à rotina diária do povo de Israel, um povo cuja história teve início bem mais de mil anos antes do Messias e cuja fé precisava, portanto, de resistência, Deus instituiu festas que serviriam para estruturar a vida e, ao mesmo tempo, retratar a redenção. Levítico 23 traz a prescrição das festas que revelam, a partir de ângulos diferentes, a maravilha e a graça da obra redentora.

Deus chamou as festas fixas de “santas convocações” (Lv 23.1-2). Vários termos hebraicos se encontram por trás dessa tradução para a nossa língua. O primeiro, a palavra *mo'ed*, define todos os festivais como “festas fixas” instituídas pelo Senhor e regulamentadas por suas prescrições. Dentre elas, havia as *haggim*, festas de peregrinação, ocasiões em que o povo de Israel devia se encaminhar para um lugar central. Trata-se de um nome apropriado, pois o singular *hag* lembra movimento e sugere uma dança alegre.

No livro de Levítico, as festas são especificadas pela expressão *miqra qodesh*, traduzida em geral como “santas convocações”, sugerindo uma convocação com fins religiosos, caracterizada pela esperança.<sup>4</sup> Para Israel, acampado junto ao Sinai no início de sua vida como povo remido, as convocações santas de Deus não foram instituídas apenas para comemorar atos *passados* de redenção, mas também para representar o que estava por vir.<sup>5</sup> Quando Israel fosse convocado para uma das festas de peregrinação ou quando as famílias se reunissem nos lares ou nas ruas dos vilarejos para celebrar as outras festas, deviam voltar seus olhos (e sua fé) para o futuro. Israel não era como as outras nações ao seu redor, cujos encontros religiosos visavam a apaziguar os deuses exigentes e irados com as deficiências de seus adoradores no ano anterior. Não se tratava de uma tentativa desesperada de barganhar para receber boas colheitas no ano seguinte e fertilidade